

Além dos movimentos retóricos: os tipos de verbo como ferramenta de análise.

Solange ARANHA (UNESP/São José do Rio Preto)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to introduce a possible perspective to analyse academic introductions based on the move-analysis theory proposed by Swales and Feak (1994). Our proposal includes the verb type notion by Lima (1985) in order to suggest a pedagogical model to help non-native learners. Thirty introductions from Biology published in A-graded journals are analysed. The syntactic-semantic occurrences used to express Move 2 and Move 3 first sentences may be determined if the analysis starts by the establishment of the communicative purpose of Move 2.

KEYWORDS: move analysis; verb types; genre analysis; academic introductions

0. Introdução

O objeto deste estudo é um corpus composto pela seção Introdução de 30 artigos da área de Biologia publicados em revistas internacionais em língua inglesa. Esse discurso, materializado na concretude da superfície textual, foi escrito por autores que lançaram mão das combinações gramaticais possíveis não só disponíveis no sistema da língua, mas, principalmente, aquelas determinadas pela situação discursiva de investigação científica requerida nos textos acadêmicos

A categoria *introdução acadêmica* é ampla e pode englobar vários tipos de texto que expressam gêneros diferentes. Conforme argumenta Bhatia (1997), as pessoas têm uma idéia do propósito de uma introdução, mas há uma variedade de manifestações possíveis. Uma introdução de artigo científico, por exemplo, tem o objetivo de descrever o contexto no qual o trabalho se insere e apresentar a proposta do autor, além de também divulgar essa proposta. Uma introdução de livro pode não ter o propósito descritivo, somente o de divulgação. Bhatia (1997) diz que os vários gêneros – artigo científico, livro didático, livro não-didático, artigo não-científico – que podem conter uma seção denominada

introdução são realizados com intenções comunicativas particulares. A discussão do autor se baseia na análise de introduções de livros cuja intenção subjacente é a de promover a venda de determinado livro e não descrever seu conteúdo, ou questionar itens específicos que compõem o assunto, ou apresentar a proposta dos autores.

Assim como Bhatia (1997), que centraliza seu estudo na especificidade da intenção enunciativa do ato de vender livros – e, portanto, na especificidade da estrutura adequada que dá forma a tal intenção –, neste trabalho, pretendemos analisar a organização retórico-discursiva da introdução de artigos científicos escritos em língua inglesa e publicados em revistas científicas da área de Biologia, tendo como ponto de partida para a construção do modelo de análise a discussão do modelo embasado em movimentos retóricos proposto por Swales (1981, 1990), mais especificamente, do modelo proposto por Swales e Feak (1994).

A elaboração de um artigo científico envolve, obviamente, o trabalho com a retomada de conceitos, idéias e posturas anteriores que fazem parte do conhecimento prévio dos autores e dos grupos específicos que compartilham conhecimentos científicos e textuais. Essa retomada, no entanto, se revela, basicamente, em duas posturas: uma que denota polêmica, confronto, realinhamento em relação ao já estabelecido e outra que denota a continuidade ou reiteração dos conceitos anteriores, expressas na proposta abaixo pelo Movimento 2 (doravante M2). Esse é considerado um movimento chave para a introdução, pois conecta o Movimento 1 (que apresenta o que já foi feito na área sobre o assunto estudado) ao Movimento 3 (que apresenta o tema da pesquisa em questão). O M2 determina a motivação para o estudo a ser apresentado no decorrer do artigo. Buscamos verificar se as duas posturas para a realização do M2 têm manifestações lingüísticas distintas.

1. Os movimentos retóricos da introdução

As introduções contêm realizações lingüísticas de propósitos determinados que, nas propostas de operacionalização de Swales (1981, 1990) e Swales e Feak (1994), resumida no quadro 1, foram denominados *movimentos*.

Quadro 1: Proposta de movimentos retóricos da introdução (Swales e Feak, 1994)

Movimento 1 (M1)	Estabelecendo o território de pesquisa
a) mostrando que a área geral da pesquisa é importante, central,	

interessante, problemático ou relevante de alguma forma (opcional)
b) introduzindo e revisando itens de pesquisa prévia na área (obrigatório)

Movimento 2 (M2) Estabelecendo o nicho
a) indicando uma brecha nas pesquisas anteriores, levantando questões sobre as pesquisas anteriores, ou ampliando conhecimento anterior de alguma forma. (obrigatório)

Movimento 3 (M3) Ocupando o nicho
a) delimitando propósitos ou estabelecendo a natureza da pesquisa (obrigatório)
b) anunciando os achados principais (opcional).
c) indicando a estrutura do artigo científico (opcional)

Os autores discutem alguns pressupostos do conteúdo retórico-discursivo de introduções de textos acadêmicos e propõem modelos de análise de introduções de artigos científicos: em 1981, o modelo continha quatro movimentos retóricos; em 1990, há a elaboração do CARS (*Create a Research Space*) e, em 1994, o CARS é reformulado e reduzido para atender a questões pedagógicas.

Os modelos de operacionalização da introdução são parecidos, embora contenham possibilidades de realizações lingüísticas (denominadas *passos*, no modelo de 1990) diferentes. Neste trabalho, os movimentos propostos por Swales e Feak (1994, p. 175) foram utilizados por atenderem mais eficientemente aos propósitos aqui buscados, ou seja, a uma análise que contemple o estudo pedagógico e seja de fácil compreensão por parte de indivíduos que não fazem parte das comunidades discursivas de EAP (*English for Academic Purposes*), ESP (*English for Specific Purposes*), Lingüística e Ensino de Línguas. Os autores também chamam esse modelo de CARS devido a suas poucas modificações em relação ao modelo de 1990.

Na proposta de 1990, o M1 poderia ser realizado por meio de três passos, que poderiam ocorrer concomitantemente ou excludentemente. O autor não havia estabelecido a obrigatoriedade da revisão bibliográfica nem tampouco a opcionalidade do fato de chamar importância, centralidade ou relevância para o assunto. O M2 apresentava quatro passos excludentes em 1990 e passa a ter como opções de realização, ainda excludentes, três: indicar brecha, levantar questões e estender o conhecimento.

Consideramos, neste trabalho, que as duas primeiras opções – indicar brecha e levantar questões - desempenham, basicamente, a mesma

função retórica, a de polêmica e confronto e a terceira – estender o conhecimento - desempenha a função retórica de adesão.

A questão de serem obrigatórias ou opcionais as ocorrências de M3 já era contempladas pelo modelo de 1990. As mudanças feitas a partir do modelo de 1990 tornaram a proposta mais enxuta e, portanto, mais econômica, valorizando-a como instrumento de análise. O amalgamento das funções retóricas de M2 também, a nosso ver, possibilitará um avanço na análise de introduções acadêmicas.

2. Os sinalizadores lingüísticos de M2

As ocorrências lingüísticas que expressam brecha na proposta de Swales e Feak (1994, p. 187- 189) são alguns verbos (*disregard, fail, ignore, misinterpret, underestimate*), alguns adjetivos (*controversial, incomplete, inconclusive, questionable*), algumas ocorrências com sujeito negativo precedido por um sinalizador contrastivo (*however, but, although; little information, little data, few researchers*).

Além do fato de a identificação desses marcadores ser insuficiente para o aluno iniciante, observamos na pesquisa que deu origem a este trabalho (cf. Aranha, 2004), sobretudo, que a presença de uma brecha, lingüisticamente marcada, não determina o fim do M1 e o início do M2 conforme sugerem Swales e Feak (1994).

Não apontar essas possibilidades é comprometer a proposta pedagógica do modelo. Por outro lado, o estudo do verbo, sob a ótica da análise da tipologia sintático-semântica pode dar um novo ponto de apoio à proposta de movimentos retóricos, principalmente em termos pedagógicos.

Ao proporem que as três possibilidades de realização de M2 são excludentes e uma delas obrigatória ao processo argumentativo da introdução, Swales e Feak (1994) não mencionam possíveis diferenças de realização lingüística determinadas pela escolha de uma delas. Segundo eles, o M2 será necessariamente precedido por uma revisão bibliográfica e seguido de um M3 que apresentará os propósitos do artigo. Essa organização retórica parece ser, realmente, a linha mestra da argumentação da introdução.

Em nossa proposta, baseada na análise de um corpus composto por 30 introduções, como já dito anteriormente, o foco da atenção tem de ser o M2, uma vez que é o elo entre o que já foi feito por outrem e o que será feito pelo autor do artigo, independentemente de ser um M2 expresso por brechas ou por continuidade de trabalhos anteriores. As ocorrências

sintático-semânticas de M3 serão realizadas de forma particular e diferente, dependendo de a brecha/questionamento ser o foco de interesse de uma pesquisa anterior ou uma continuidade/endorso ou ampliação de pesquisas já realizadas.

As ocorrências lingüísticas marcadoras dos movimentos podem ser usadas na análise da introdução para determinar qual seu propósito comunicativo primeiro: apresentar brechas ou continuar a tradição. A centralidade do M2 é fundamental para a compreensão da estrutura, dos propósitos, da validade e da justificativa do trabalho. É aí que se vai dizer: “x ainda não existe de determinado modo. Então, é x que será estudado aqui”.

A realização lingüística do M2 depende de seu propósito comunicativo, que sobredetermina a realização lingüística de M3. Quando a argumentação da introdução se apóia na brecha de trabalhos anteriores, a realização do M2 se dá, geralmente, por meio de uma estrutura oracional de estado (cf. exemplo 1, abaixo), na qual o argumento, inativo, se encontra num determinado estado, condição ou lugar, ou através de uma estrutura de ação – (processo) na voz passiva, o que faz com que o argumento Paciente/Especificador receba o foco característico da função sintática de sujeito da frase e possibilite o apagamento do argumento Agente, geralmente não relevante para o processo argumentativo (cf. exemplos 2 e 3). Essa frase é geralmente seguida pelo M3. As ocorrências que se seguem ilustram essas escolhas.

(1) **However, despite** the large number of published studies investigating the cellular effects of retinoids, the extent of RA isomerization and its potential influence on the results obtained from these studies **are largely unknown**.

(2) **However**, redox regulation of LPS-induced p38/RK MAPK-mediated pro-inflammatory cytokine biosynthesis in the alveolar epithelium **has yet to be ascertained**.

(3) **Although** deletions of 17 p and 20q are well-recognized abnormalities in myeloid disorders, **only one** other case **has been reported** with this specific unbalanced translocation.

O M3 que segue o M2 assim estruturado é realizado, predominantemente, por estruturas de ação-estado, nas quais os verbos indicam um **fazer ser, fazer existir, produzir, criar, dar origem** a outro participante, o Resultado. São ocorrências desse tipo:

(4) (M2) **However, despite** the large number of published studies investigating the cellular effects of retinoids, the extent of RA isomerisation and its potential influence on the results obtained from these studies **is largely unknown**.

(M3) The current study **was designed** to determine the extent of extra- and intracellular isomerisation of 13-cis RA and ATRA in a panel of neuroblastoma cell lines commonly used to study cellular responses to retinoids.

Por outro lado, se o propósito comunicativo do M2 for de continuidade, de extensão, isto é, de reiteração de conceitos previamente estabelecidos, sua realização lingüística será predominantemente expressa por estruturas oracionais de ação-processo na voz ativa, isto é, o verbo indica um fazer que é desenvolvido por uma entidade representada por um argumento ativo capaz de efetuar uma ação que recai sobre a outra entidade representada pelo outro argumento. O argumento Paciente é fundamental para a composição frasal, pois concentra as informações a respeito das quais a introdução irá tratar (cf. exemplos 6, 7 e 8).

(6) Previously, **we described** the use of an innovative molecular cytogenetic approach termed spectral FISH or S-FISH that targeted multiple numeric chromosomal aberrations or aneuploidy in interphase nuclei in a single hybridization, using combinatorial fluorescence and digital imaging microscopy.

(7) **Preliminary data suggest** that these antioxidants in combination with TNF or TGF increase the death of human prostate cancer cells in tissue culture.

(8) In this report, **we examine** the differences between women who obtained screening and those who did not after receiving the intervention. We look particularly at socioeconomic characteristics and access to care.

O M3 que segue o M2 de continuidade apresentará ainda estruturas de ação-processo também na voz ativa, com sujeito cujo referente é, geralmente, o autor do trabalho. As ocorrências abaixo ilustram essas possibilidades.

(9) (M2) **Previously, we described** the use of an innovative molecular cytogenetic approach termed spectral FISH or S-FISH that targeted multiple numeric chromosomal aberrations or aneuploidy in interphase

nuclei in a single hybridization, using combinatorial fluorescence and digital imaging microscopy.

(M3) **We now demonstrate** the application of S-FISH using locus-specific FISH probe panel to survey for the presence or absence of recurring disease-specific aberrations in the hematopoietic disorders and malignant melanoma.

(10) (M2) **In a preceeding report [23], we described** a significant tumoricidal effect in cell cultures with a combination of INO2BA and BSO, a known inhibitor of GSH synthesis.....

(M3) **We report here** the robust tumoricidal action of the above drug combination and describe: (a) a apparent.....

Pode-se dizer que a realização lingüística de M3 é dependente do propósito comunicativo de M2 da seguinte forma:

Quadro 2: Tipologia verbal de M2 e M3: brecha e continuidade

M2 = brecha – estrutura de estado ou de ação-(processo) com foco no Paciente/Especificador.

M3 = preenchimento da brecha - estrutura de ação - estado com foco no Resultado.

M2 = continuidade – estrutura de ação - processo com foco no Agente.

M3 = continuidade – estrutura de ação - processo com foco no Agente.

A análise de 30 introduções da área de Biologia publicadas em revistas internacionais em 2002 apresentou os seguintes resultados que confirmam o exposto acima e que corroboram a necessidade de se investigarem outras possibilidades pedagógicas para o ensino de redação acadêmica em língua inglesa, o que nos instigou a elaborar a seguinte proposta com vistas a facilitar a organização da informação sintático-semântica necessária ao aprendiz.

Quadro 3: Proposta de análise de introduções acadêmicas: os movimentos retóricos e as ocorrências sintático-semânticas

Movimento 2 – Estabelecimento do nicho	Movimento 3 preenchimento do nicho
Apresentar brecha P + v. estado P + passiva	Preencher a brecha apresentada, total ou parcialmente A + v. ação

	P + estado P + passiva
Dar continuidade/ Aderir ao já proposto A + v. ação	Acrescentar informações novas ou novos caminhos A + v. ação

P = Sujeito Paciente

A = Sujeito Agente

As ocorrências possíveis em M2 são excludentes. Se há um M2 de continuidade, a diminuição do esforço retórico é mais lenta, isto é, mais longo, e se estende por várias frases. Se há um M2 de brecha, os períodos tendem a ser menores.

A estrutura frasal de **brecha** é realizada predominantemente por meio de um sujeito Paciente seguido por um verbo de estado ou por voz passiva, como abaixo.

(11) Several recently discovered rare variants of the NAT1 were reported to be associated with either decreased or increased catalytic activity, **but** in general, **the relationship between the NAT1 genotype and phenotype remains poorly understood** [9].

A estrutura frasal da **continuidade** é realizada, na maioria das vezes, por meio de um sujeito Agente (*we/ our recent studies/ this approach*) seguido por um verbo de ação (*report, demonstrate, suggest, state, carry out, describe*). Note-se que quando há um verbo de dizer, nos moldes de Thompson em Yiyun (1991), o sujeito tende a não ser *we*, mas sim outros autores ou o trabalho.

A estrutura frasal de M3 está ligada à função retórica instaurada em M2. Consideramos somente a realização lingüística prevista como obrigatória por Swales e Feak (1994) para a realização de M3. Não se exclui, entretanto, a possibilidade das ocorrências consideradas opcionais: ocupar o nicho por meio do anúncio de achados principais e ocupar o nicho por meio da indicação da estrutura do artigo científico, mas essas ocorrências não foram contempladas por este estudo.

A ocorrência de M3 para ocupar o nicho por meio da delimitação dos propósitos do artigo ou do estabelecimento da natureza da pesquisa – item considerado obrigatório para Swales e Feak e para este trabalho –, depende, como já dito anteriormente, do propósito comunicativo de M2.

Se houver preenchimento brecha, haverá predominância de uma estrutura frasal realizada por P + v. estado ou voz passiva, embora haja a possibilidade de haver A + v. ação. Se, por outro lado, houver preenchimento de nicho decorrente de continuação, a estrutura frasal será composta por A + v. ação (*describe, study, examine, report, demonstrate, present*). O sujeito é geralmente expresso por *we*.

Acreditamos que a proposta acima seja mais econômica em termos de seleção gramatical para o ensino de redação de Introdução de artigos científicos a estudantes brasileiros e mais viável para o processo de conscientização lingüístico-discursiva do aprendiz no que diz respeito à argumentação da introdução e sua relação com as realizações lingüísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, S. *Contribuições lingüísticas para a argumentação da introdução acadêmica*. 2004. Tese (Doutorado em Letras/Lingüística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, Araraquara, 2004.

_____. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996

_____. A otimização da escrita acadêmica através da conscientização textual. IN: *Anais do XXXI Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, Fundação de Ensino “Eurípides Soares da Rocha”, Marília, 2002.

BHATIA, V. *Analysing genre: language use in professional settings*. Nova York: Longman, 1993.

_____. Genre-mixing in academic introductions. *English for Specific Purposes*, Elsevier, v.16, n.3, p.181-195, 1997.

CHAFE, W. F. *Meaning and the structure of language*. Chicago, The University of Chicago Press, 1970.

DUSZAK, A. Academic discourse and intellectual styles. *Journal of Pragmatics*, v. 21, n.3, p.291-313, 1995

FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R. T, eds. *Universals in Linguistic theory*, New York, Holt, p. 1-88, 1968.

_____. The case for case reopened. In: COLE & SADOCK, eds. *Syntax and Semantics: grammatical relations*, New York, Academic Press, v.8, p. 58-81, 1977.

- LEFFA, V.J. Writing for the scientific community: the challenge of being original under constraint. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 14., 1999, Belo Horizonte. *Anais*. v.14, n.14, p. 337-344, 1999.
- LIMA, M. C. P. B. *A transitividade: contribuição para uma tipologia oracional*. 1985. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, 1985.
- MARTÍNEZ, I. A. Impersonality in the research article as revealed by analysis of the transitivity structure. *English for Specific Purposes*. Elsevier, v. 20, p. 227-247, 2001.
- PALTRIDGE, B. Genre, text type and the language learning classroom. *ELT Journal*, v. 50, n.3, p.237-243, 1996.
- SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. Genre and engagement. [s.v.:s.n.], 1991. Mimeografado.
- SWALES, J.; FEAK, C. B. *Academic writing for graduate students*. Michigan: The University of Michigan Press, 1999.
- THOMPSON, G.; YIYUN, Y. Evaluation in the reporting verbs used in academic papers. *Applied Linguistics*, v. 12, n. 4, p.365-382, 1991.